

## Cyana Leahy-Dios

### Textos selecionados

#### Da gata

Era uma vez a gata.  
                    Prenha gata.  
Sozinha no fim-de-semana  
deu à luz quatro gatinhos.  
Sem trauma, sem parteira, sem curativo.

Agora cinco gatos vagueiam pelo palácio  
Saudáveis. Negros. Independentes como nunca fui.  
(1989, p. 13).

#### Cena rodoviária

No ônibus  
a moça branca faceira  
flerta  
o moço preto bonito

Trocam bancos se avizinham  
se dão mãos braços bocas  
se bolinam publicamente  
contam moedas dos bolsos  
- poucas para o motel

Súbito  
ela se pinta  
          se penteia  
          se afasta  
O ônibus alcança  
a última ponte  
a última parte

O moço preto bonito  
guarda moedas no bolso  
guarda mãos no bolso  
guarda os beijos no bolso

Vê a faceira donzela sair  
se afastar célere  
maquiada  
sem olhar para trás

O moço preto bonito  
suspira

aprende e  
aprende

(2003, p. 36).

### **Cena da madrugada**

Madrugada. Casais forasteiros  
passeiam e em seus braços há  
negros bebês retintos. Que choram.  
Crianças atônitas ouvem  
texto sem mensagem (exportação de negrinhos)

Madrugada. Gigantescas baratas  
passeiam e, em seus dentes há  
alimentos de outros filhos. Que fogem.  
Saem do quarto, procuram seus pais.

Madrugada. E portanto gordos morcegos  
(aladas codornas) sobrevoam por alimento.  
Brilham famintos seus olhos e esperam.  
E vigiam.

Longa madrugada: há negro doberman  
à espreita de nossos filhos. Seus e meus filhos.

Há muito do que fugir: da rede, do inseto,  
do vampiro e do cão. Cabeças explodem  
em mil e o sangue,

o sangue se espalha pela cama.  
Ainda é madrugada

(2003, p. 37).

### **Da raça**

Puseram vestido de seda na negra  
pano da costa sobre o *blazer*

Alisaram a carapinha da negra  
de bandós em edemas

Calçaram saltos na negra  
que brinca descalça -  
perna aberta sob a mesa

Intelectualizou-se a negra  
e ela brinca  
faz chiste

com essas palavras tristes  
(2009, p. 44).

### **Separação de corpos**

Há sempre um mar  
separando dois corpos  
Certas vezes há ilhas  
arquipélagos desunidos  
que afastam suas almas  
Mares de todo tipo  
separam sempre dois corpos  
revoltos de espuma calmos na espera  
Há raras pontes sobre mares  
mares de muitas cores  
afastam corpos distintos  
Oceanos frios e espumosos trazem  
cadáveres à praia, um por vez  
é o que fazem enquanto ventam  
é o que dizem se silenciam

Corpos vivos são sempre  
separados por mares  
A distância maior é aquela  
que sempre separa dois corpos  
(porque às vezes  
os mares  
são de lágrimas)

(2009, p. 64).

### **Cena sertaneja**

Serpentes negras foscas invadem  
ameaçando o sertão  
incompreensíveis na paisagem  
avançam canaviais adentro  
rebolando sinuosas no ventre  
miserável. A fome  
se instala às margens de  
mãos e rostos enegrecidos

Sol, fuligem e muita dor  
sugam canas impróprias  
não mais caules em fruto  
apenas seca matéria-prima  
rostos e mãos carregam armas  
afiadas (para o trabalho) e cegas  
(na parelha com a justiça)

A serpente asfáltica  
plana e lisa ressalta na paisagem  
(estrada do coronel  
asfalto do coronel)  
fazendas canaviais usina.  
Por enquanto a Miséria estende o braço  
e implora por mais um dia  
(2009, p.78).

Obras citadas:

LEAHY-DIOS, Cyana. *Biombo*. Niterói: Cromos, 1989.

\_\_\_\_\_. *Seminovos em bom estado: poemas*. Niterói: CL Edições Autorais, 2003.

\_\_\_\_\_. *(re)confesso poesia*. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2009.